

O QUE É MESMO UMA BRINCADEIRA?: O EXEMPLO DAS TRAVESSURAS EM SÃO PAULO

Denise Bernuzzi de Sant'Anna¹

RESUMO

O texto trata de algumas diferenças históricas entre travessura, brincadeira e lazer na cidade de São Paulo, durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Também indica algumas características da crescente desvalorização dos sentimentos tristes, outrora presentes no espaço urbano cuja paisagem continha muito mais fortemente do que hoje traços de ruralidade e noções de higiene pouco usuais atualmente. O foco principal do texto está nas brincadeiras infantis e todo ele resulta de uma pesquisa junto a jornais e revistas da época.

Palavras-chave: Brincadeiras. Cidade. Infância.

Pular amarelinha, jogar bolinha de gude, brincar de roda, passa-anel ou cobra-cega são algumas das experiências que marcaram a infância de milhões de brasileiros. Em meio a tais atividades lúdicas do passado, certa nostalgia tende a apoderar-se dos pais e educadores contemporâneos, como se, diferentemente dos jogos e brinquedos eletrônicos da atualidade, aquelas distrações antigas fossem sempre mais naturais e saudáveis. Tende-se ainda a lembrar das dificuldades de hoje para brincar na rua, longe dos equipamentos de segurança conhecidos. É, por fim, difícil mencionar aquelas formas de distração sem se perguntar sobre o valor da ludicidade e dos lazeres modernos, baseados em clubes esportivos, novas tecnologias e brinquedos eletrônicos.

No texto que se segue, a intenção principal é refletir sobre algumas travessuras infantis e juvenis típicas da história da capital paulista. Essas travessuras ou brincadeiras do passado nem sempre permaneceram vivas na memória e nas ruas da cidade. O crescimento de São Paulo e o progresso tecnológico do último século modificaram radicalmente a maneira de conceber a diversão e de praticá-la no espaço urbano.

Para iniciar esta reflexão, o melhor parece ser relembrar que as palavras “brincadeira” e “lazer” nem sempre tiveram os mesmos usos e significados ao longo da história. No final do século XIX, por exemplo, boa parte da imprensa brasileira não considerava que “brincar” fosse um assunto que merecesse muita atenção. Naquela época, “lazer” era um termo pouco utilizado. Falava-se mais em diversão, entretenimento, recreação, folguedos e folganças – ou, então, travessura. Esta podia ocorrer em qualquer idade, mas era

¹ Doutora em História pela Universidade de Paris VII (1994), com pós-doutorado na mesma área pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (2004). É professora livre-docente de História na PUC-SP e pesquisadora 1 do CNPq. E-mail: dbsat@uol.com.br.

mais comum entre crianças, especialmente aquelas do sexo masculino. Travessuras não eram necessariamente consideradas bem-vindas pelos adultos. No entanto, tendiam a ser vistas com alguma naturalidade, especialmente quando se tratava do período infantil e de meninos que demonstravam, por meio delas, coragem, ousadia e alguma dose de astúcia.

A travessura não tinha lugar certo nem determinado. Podia ocorrer em diferentes espaços da cidade ou fora dela. O Jardim Público, por exemplo, reformado em 1869, era um lugar conhecido de recreação dos paulistanos e em vários momentos de sua história ele também foi palco de travessuras e brincadeiras da molecada (MORSE, 1970, p. 172). Conforme o memorialista Ernani Silva Bruno, enquanto a capital paulista era um burgo estudantil com cerca de 20 mil habitantes, as procissões foram uma “recreação máxima”. Segundo o mesmo autor, “em 1857 começou a surgir na cidade o festejo carnavalesco em sua feição moderna, substituindo o entrudo primitivo: apareceram então os bailes de máscaras, os carros carnavalescos e o primeiro cordão: o dos Zuavos” (BRUNO, 1983, p. 755). O entrudo, tanto quanto o Carnaval, incluía travessuras de crianças e adultos. No primeiro, especialmente, a travessura podia adquirir contornos de agressão pública, mas esta fazia parte da tradição: lançar sobre os pedestres bolinhas cheias de água ou líquidos coloridos e indesejáveis constituía a festa anual que costumava alterar o ritmo cotidiano dos paulistanos.

Existiam passatempos, conforme se dizia, ligados ao jogo de bola, ao bilhar, ao circo, além das danças dos escravos no antigo Pátio do Rosário. Os festejos populares em frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário eram ricos em tradições e criatividade. Segundo Antonio E. Martins, africanos cantavam e tocavam tambaque, uma música conhecida entre eles, enquanto suas parceiras dançavam com suas melhores roupas, pulseira de prata e rosário de contas vermelhas e de ouro ao pescoço (1963, p. 229). As peças teatrais, os jogos e os bailes eram igualmente importantes na cidade, quando “aproveitar a vida” era uma ideia comum entre os moradores de São Paulo (SANTOS, 2017, p. 69).

Muitas dessas experiências lúdicas incluíam crianças e adultos. Ou seja, a divisão entre, por um lado, brincadeira de crianças e, por outro, diversão de adultos nem sempre era uma realidade paulistana, justamente em momentos da história em que a infância era breve e a expectativa de vida era muito menor do que a atual. As separações entre adultos e crianças tinham outras funções e outro estatuto, o que significa que a hierarquia entre as faixas etárias nem sempre excluía as crianças de apostas e competições conhecidas de seus pais.

Desde o começo do século passado, as brincadeiras travessas das crianças brasileiras foram fartamente ilustradas na revista *O tico-tico*, lançada em 1905 no Rio de Janeiro. Esta revista foi a primeira a publicar histórias em quadrinhos no país. As alusões às travessuras ganharam diferentes formatos nessa publicação: desde “desenhar uma careta na cabeça do pai” até assustar os amigos com contos de assombração e sacis, ou destruir ninhos de juritis (O TICO-TICO, 1906, p. 26). A quantidade de vezes em que as crianças travessas

foram citadas ou mereceram descrição naquela revista chama a atenção do leitor atual. Em quase todos os seus números havia alguma menção às experiências travessas. Não se tratava apenas de narrar a travessura como maneira de incluir alguma mensagem pedagógica e moral dentro da educação das crianças. Tratava-se também de considerar a travessura uma experiência comum durante a infância, que poderia se estender até os 12 anos.

Além disso, na cidade de São Paulo, quando sua população não passava de 65 mil habitantes, as diversões e as travessuras podiam ocorrer em meio às atividades religiosas, tais como procissões, casamentos e quermesses, durante os bailes e mesmo em intervalos da labuta diária. Para a molecada, aliás, os banhos nos vários rios da capital paulista eram muito apreciados, assim como os passeios de barco no Tietê. Nos rios e em suas margens desenvolveu-se uma rica cultura dos jogos e brincadeiras entre os meninos. Eles frequentavam esses lugares com a intenção de se divertir e também de acertar apostas feitas, dentro de competições para averiguar quem era o mais forte e o nadador mais rápido, ou quem era o moleque mais destemido ao mergulhar depois de saltar para dentro de rios como Tamanduateí e Pinheiros. O meio do rio era um lugar propício para medir a força e a coragem masculina, enquanto suas margens tendiam a ser muito mais um território feminino, que servia à lavagem das roupas e louças, quando poucos possuíam água encanada. As margens do Tamanduateí, por exemplo, eram um local procurado para batizar as bonecas das meninas e brincar com cascalho e areia molhada (SANT'ANNA, 2007, p. 66).

Desde o período imperial, os becos, tanques, várzeas, quintais e matagais da cidade serviam às crianças como espaços privilegiados para brincadeiras que, em geral, incluíam travessuras. O espaço público era, portanto, o lugar preferido para as atividades lúdicas, numa época em que São Paulo misturava aspectos fortemente rurais com traços de urbanidade. Segundo Carmen Lúcia Soares, “os passeios, pescarias, piqueniques, brincadeiras em terrenos cheios de árvores, banhos de rio, deslocamentos em cima de animais e em pequenas canoas e carroças” também ilustravam as diversões paulistanas e a proliferação de atividades ao ar livre (2016, p. 23).

Naqueles anos, uma travessura não era necessariamente uma aventura, embora pudesse contar com os sentimentos aventureiros de muitos jovens e crianças. Travessura possuía sentidos distintos que podiam alcançar desde a maldade e a malícia até a desenvoltura e a astúcia. Por um lado, a travessura seria um desafio, um risco; por outro, uma experiência esperada especialmente de meninos até os 10 anos de idade. Não por acaso, ainda hoje permanece a ideia de que criança travessa é “levada” e que toda criança levada é esperta, saudável, especialmente se for do sexo masculino.

No período anterior a meados do século passado, as travessuras infantis foram consideradas, em geral, sinais de esperteza. As brincadeiras que para a sensibilidade atual correriam o risco de ser julgadas negativamente, como se fossem “politicamente incorretas”, pouco adequadas à consciência ecológica contemporânea, não o eram no começo do século XX. O escritor Jacob Pentead, por exemplo, que viveu no bairro do Belenzinho, em São Paulo, recorda em seu livro sobre a cidade do seu tempo uma das travessuras então mais

conhecidas e apreciadas, chamada “rói biscoito” (1910, p. 235). Nela, um grupo de moleques entrava nas águas do rio Tietê, “em trajes de Adão”, deixando a roupa à margem do rio. Em certo momento, os meninos maiores da turma saíam do rio sorrateiramente e molhavam com água algumas peças de roupa de um colega e, em seguida, “davam-lhes nós bem apertados, especialmente nas calças e nas mangas das camisas e aguardavam que seu possuidor terminasse o banho e viesse vestir-se”. Ao se deparar com aqueles nós, o dono das roupas procurava desatá-los, até mesmo com os dentes. E o resto da turma formava um círculo em volta do infeliz e gritava em coro: Rói biscoito! Rói biscoito! Aqueles que não desatassem rapidamente os nós corriam o risco de ser besuntados com excrementos.

Para a sensibilidade atual, brincadeiras desse tipo não teriam a graça que possuíam outrora. Tendem hoje a ser consideradas pouco respeitadas para com as crianças e, se considerarmos os excrementos, também podem ser julgadas anti-higiênicas e perigosas. Mas, no final do século XIX, quando o rói-biscoito era uma brincadeira comum na capital paulistana, a sensibilidade de toda a população em relação ao corpo era diferente da nossa.

Várias razões explicam essas diferenças. Por exemplo, antes do advento da família nuclear e do desenvolvimento industrial e urbano, havia uma proximidade bastante evidente entre a molecada, como se dizia, e o corpo de vários animais e plantas. A caça de codornas e pássaros de variados tipos era muito comum na cidade, tanto quanto alimentar-se de camarões de água doce, ovos de diversos répteis. Ser criado em habitações com quintais nos quais havia porcos, galinhas e outros animais domésticos também era algo corriqueiro. Os vendedores ambulantes comercializavam carne de muitas caças, além de leite de cabra e de vaca, e a cidade era totalmente marcada por espaços e equipamentos destinados exclusivamente aos animais, sugerindo uma proximidade com a natureza hoje rara: estábulos, bebedouros para cavalos, galinheiros, mercado de peixes, currais. Os exemplos a este respeito são numerosos, confirmando o quanto a paisagem urbana que configurava as brincadeiras do passado difere da nossa. Naquela época em que o urbano se misturava com fortes aspectos rurais, o parto era comumente feito em casa, as pessoas nasciam e também morriam em casa, na presença de crianças e adultos. Os doentes também costumavam ser tratados em casa, com ervas e remédios ensinados segundo diversas tradições.

Havia de fato certa naturalidade em lidar constantemente com diferentes corpos e com os elementos da natureza. Além disso, as moradias nem sempre possuíam banheiro em seu interior. Ser asseado naqueles anos não era necessariamente utilizar muita água para tomar banho e sim trocar várias vezes as roupas, principalmente aquelas que ficavam mais diretamente em contato com a pele.

Por conseguinte, seria apressado e equivocado simplesmente concluir que as pessoas do passado “eram sujas” ou, ainda, que as crianças do passado eram “grosseiras”, porque se divertiam com excrementos e com travessuras hoje criticadas. À medida que as análises históricas se aprofundam, percebemos que a molecada do passado vivia de acordo com um mundo que não é

mais o nosso. O lazer dos modernos “games” e da natação em piscinas particulares, que prometem segurança, conforto e limpeza, é, sem dúvida, muito distinto daquele que deixava a criança nua à beira de um rio com roupas molhadas. Enfim, inúmeras razões poderiam explicar o quanto a nossa cultura valoriza crescentemente a segurança e o conforto, busca uma higiene do corpo com o uso de muita água, sabonetes, xampus, cremes e outros produtos ligados a uma exigência de assepsia inexistente na época do rói-biscoito. A partir da Segunda Guerra Mundial, principalmente, houve uma crescente valorização dos prazeres de um banho diário, abundante em água quente ou morna, perfumado, assim como a desvalorização de brincadeiras que incluíam a mistura dos corpos com diversos elementos da natureza, incluída a terra. Quintais e ruas de terra deixaram de caracterizar o centro da cidade e, principalmente os bairros considerados ricos. Tomar banho de rio no meio da cidade deixou de ser possível, e a própria relação do paulistano com seus rios, outrora forte, tende a ser hoje uma remota lembrança de um tempo que já se foi e dificilmente voltará.

A preocupação com o lazer – palavra mais utilizada pela imprensa desde o começo da República – marcou o discurso de médicos e engenheiros responsáveis pelas reformas sanitárias da cidade, especialmente depois da década de 1930. Contudo, segundo Victor Melo e Christianne Gomes, essa tendência ocorreu no Brasil desde o final do século XIX (2003, p. 26). A partir daí, as diversões tenderam a ser consideradas experiências com capacidade de repor energia para o trabalho ou, ainda, atividades capazes de educar o futuro cidadão brasileiro. A noção de travessura demorou, contudo, a ser vista como algo que devia definitivamente ser filtrada pela lente da higiene e como sinônimo de algum distúrbio infantil, no limite como o sintoma de alguma patologia a ser corrigida, incluída, por exemplo, na hipótese de um déficit de atenção e hiperatividade, ou seja, indício de um TDAH.

Após 1930, principalmente, inúmeras travessuras passaram a sofrer a concorrência de brincadeiras organizadas para serem salubres e educativas. Novamente, a revista *O Tico-Tico* fez parte dessa mudança. Várias narrativas nela publicadas desde então tenderam a associar a travessura às brincadeiras que precisavam ser corrigidas. Por exemplo, um dos personagens conhecidos dos leitores daquela revista, chamado Chiquinho, durante um bom tempo considerado uma criança “levada da breca”, começou a aparecer menos travesso ou então a ser alertado mais vezes sobre a negatividade de sua conduta. Lamparina, outro conhecido personagem travesso, também começou a perder o charme e a graça. Entretanto, foi somente na segunda metade do século passado que o cenário das travessuras tendeu de fato a diminuir nas publicações destinadas ao público juvenil e infantil. Para as crianças das grandes cidades brasileiras, brincar adquiriu uma fisionomia menos travessa e mais organizada a partir das possibilidades de lazer dos pais, a depender de seus horários e condições financeiras. Inúmeros jogos do passado foram esquecidos, enquanto novos esportes passaram a caracterizar o lazer de crianças e adultos. A distinção entre esportistas amadores e profissionais tornou-se mais comum dentro da cidade, o que de certo modo poderia ser interpretado como uma ameaça à ludicidade (cf. HUIZINGA, 1980,

p. 219). A memória das brincadeiras hoje pouco presentes na cidade nem sempre consegue abarcar as técnicas elaboradas no passado relacionadas aos brinquedos, antes inventados e confeccionados pelas próprias crianças. A emancipação e a industrialização dos brinquedos, estudada por Benjamin, atingiu o Brasil, principalmente no decorrer do último século, quando surgiram grandes fábricas de brinquedos internacionais, como a Estrela, em 1937.

Enquanto isso, o desenvolvimento da publicidade, juntamente com a influência do rádio e do cinema, valorizavam imagens promotoras da alegria de viver. Antes dos anos 1930, era comum encontrar textos e imagens de anúncios em jornais e revistas mostrando fisionomias tristes, incluindo crianças que choravam ou se entediavam. A seguir, a propaganda brasileira passou a se interessar mais frequentemente em vender a ideia da alegria como um grande valor.

Mais do que nunca, sofrimento e tristeza começaram a ser considerados produtos que vendem mal. A partir da década de 1950, sobretudo, os publicitários exploraram enormemente as imagens de rostos juvenis e infantis sorridentes, que sugeriam a todos a seguinte mensagem: livre-se para sempre das dores e tristezas, afinal, para que sofrer? A alegria passou a ser considerada não mais um estado passageiro, tal como a tristeza, e muito mais um modo de ser natural de todos os que têm saúde e disposição física. Para adultos e crianças, a alegria constante, sem intervalos, como se fosse o único estado bem aceito, tornou-se um grande negócio industrial, enquanto a tristeza e o tédio passaram a correr o risco de serem simplesmente considerados sinônimos de algum fracasso. Ao invés do erro, que pode ser corrigido, o imaginário do fracasso tende a se impor junto à ameaça do descarte e da não aceitação social.

Evidentemente, em sociedades altamente competitivas, quando a tristeza se torna sinônimo de fracasso, é difícil percebê-la como um dos sentimentos naturais aos adultos, idosos e crianças. Daí uma série de medidas e produtos divulgados pela mídia atual para combater e afastar os sentimentos tristes e os semblantes melancólicos. Em suma, paradoxalmente, na medida em que as antigas travessuras ao ar livre deixaram de ser possíveis ou valorizadas, houve um crescente apelo à necessidade de manter filhos e pais contentes, durante todos os dias e circunstâncias da vida. O dever de jamais sentir tristeza, hoje amplamente valorizado, parece assim ser paralelo e intimamente relacionado ao esmaecimento das antigas artes da travessura infantil.

Todavia, nem tudo o que reluz na propaganda midiática atual consegue implantar-se na ampla e multifacetada realidade nacional. Mesmo nos dias atuais, não é preciso ir “para o meio do mato” para que as crianças vivam e inventem brincadeiras. Certamente as brincadeiras não são mais como aquela do rói-biscoito, nem estão comprometidas com as mesmas noções de higiene e de vida urbana existentes no passado. Além disso, várias delas dependem hoje das novas tecnologias de comunicação e são possibilitadas graças a elas. Em outras palavras, muito haveria ainda a ser estudado sobre os modos pelos quais as crianças brincam e exercem a habilidade de serem travessas junto a seus jogos eletrônicos, tablets e celulares. Sem ignorar os riscos que

eles representam em termos de sedentarismo, problemas visuais, isolamento infantil, entre outros, existem invenções lúdicas que certamente passam pela realidade virtual e que não possuem apenas aspectos negativos.

Há ainda brincadeiras que perduram para além do virtual, dentro ou fora do ambiente doméstico. Interessante observar que muitas das características antigas da travessura podem permanecer na atualidade mesmo mudando de nome. Por exemplo, “aprontar” tornou-se um termo recorrente para as travessuras de adultos e crianças que estariam no fio da navalha entre o engraçado e o incorreto, a malícia e a astúcia. Há sites na internet que viralizaram justamente porque mostraram as tais “aprontações” infantis².

A sedução hoje presente diante de tais sites comprova o quanto a força de uma brincadeira travessa ainda tem muita história a contar. Há quem acredite que quem não brincou no passado, quem não experimentou travessuras quando criança, não consiga amadurecer e se tornar adulto. Pois é provável que, graças à permanência ao longo do tempo das variadas travessuras de crianças, ainda hoje estas consigam desfrutar da infância sem precisar obedecer aos interesses e constrangimentos do mundo adulto. Mais ainda: é provável que somente desse modo homens e mulheres possam de fato deixar de ser infantis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- BRUCKNER, Pascal. *A euforia perpétua: ensaio sobre o dever de felicidade*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- BRUNO, Ernani Silva. *História e tradição da cidade de São Paulo*, vol II. São Paulo: Hucitec, 1983.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- MARTINS, Antonio E. *São Paulo antigo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1963.
- MELO, Victor A. de; GOMES, Christianne L. Lazer no Brasil, trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, pp. 23-44, jan./abr. 2003.
- MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1970.
- O TICO-TICO. Rio de Janeiro: O Malho. Anos pesquisados: 1906, 1928, 1930, 1932, 1935.
- PENTEADO, Jacob. *Belenzinho, 1910*. São Paulo: Carrenho, 2003.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *O prazer justificado: História e lazer*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- _____. *Cidade das águas, usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo, 1822-1901*. São Paulo: Senac, 2007.

² Por exemplo: <https://noticias.r7.com/fala-brasil/videos/travessuras-de-criancas-fazem-sucesso-na-internet-o-que-os-pais-devem-fazer-15102015>, acessado em 5 de abril de 2018.

SANTOS, Flavia da Cruz. *Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX*. Tese (doutorado em Estudos do Lazer), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SOARES, Carmen Lúcia (org.). *Uma educação pela natureza*. Campinas: Autores Associados, 2016.